

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gilberto Galeão Mescouto

ESTABELECIDOS E OUTSIDERS: COMPARANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DE JUIZ DE FORA E BELÉM DO PARÁ

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Luiz Flávio Neubert

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **GILBERTO GALEÃO MESCOUTO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 2018872092A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ESTABELECIDOS E OUTSIDERS: COMPARANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DE JUIZ DE FORA E BELÉM DO PARÁ**, desenvolvido durante o período de AGOSTO DE 2022 a JANEIRO DE 2023 sob a orientação de LUIZ FLÁVIO NEUBERT, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

GILBERTO GALEÃO MESCOUTO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

ESTABELECIDOS E OUTSIDERS: COMPARANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS DE JUIZ DE FORA E BELÉM DO PARÁ

GILBERTO GALEÃO MESCOUTO

RESUMO

Nesse texto, após anos de observações e vivência, iremos analisar a forma como os jovens se relacionam em Juiz de fora – MG, desde a formação de seus grupos e principalmente a aceitação de novos membros em suas bolhas sociais. Para entender o funcionamento dessa relação, faremos o comparativo com grupos na mesma faixa etária residentes na cidade de Belém – PA. O objetivo é buscar entender o motivo pelo qual as relações nesses dois lugares se dão de maneira tão distinta. Inicialmente usaremos o conceito de “*Estabelecidos e Outsiders*”, de Norbert Elias, para classificarmos os indivíduos, onde os *Estabelecidos* são pessoas que nasceram e cresceram nas cidades observadas e *Outsiders* são pessoas que vieram de fora, independente de há quanto tempo residem nas mesmas. Buscaremos entender como funciona a dinâmica cultural em cada região e com base nisso tentaremos encontrar qual ou quais os motivos que levam as duas regiões a serem tão diferentes socialmente.

PALAVRAS-CHAVE: Estabelecidos, Outsiders, Juiz de fora, bolhas sociais, Belém.

1. INTRODUÇÃO

É sempre um desafio, principalmente para pessoas introvertidas, desenvolver laços e passar a fazer parte de algum grupo social. Mesmo quando criança, apesar de ser mais simples, nunca é fácil. Amizades levam tempo sendo construídas e por várias vezes essas relações são rompidas, enfraquecem ou são simplesmente esquecidas com o passar dos anos. Portanto, as amizades que conseguimos manter são preciosas, afinal, não é sempre que encontramos alguém com quem poderemos sempre contar. Entretanto, essas relações se dão de maneira diferente em determinados locais, dependendo de diversas variáveis como cultura e costumes, por exemplo. Para quem viveu a vida toda em um mesmo local, tudo parece funcionar de maneira normal, porém, quando passamos a ter contato com pessoas e locais diferentes, começamos a perceber a diferença existente e o quão impactante um simples costume que difere dos aprendidos naquele local pode ser para uma pessoa ou até mesmo um grupo social inteiro. Talvez o primeiro passo para entender tais relações seja compreender o conceito de “*Estabelecidos e Outsiders*”, de Elias Norbert. Ele se trata de um conceito extremamente simples e de fácil entendimento, mas que é importantíssimo para entendermos essa problemática.

Os “*Estabelecidos*”, como o próprio nome já sugere, são grupos formados a mais tempo naquele local, anos, décadas, por vezes são formados em gerações anteriores e suas relações, costumes e até mesmo histórias são passadas aos seus descendentes como uma espécie de “herança cultural”.

Os “*Outsiders*” são pessoas, famílias ou até mesmo grupos sociais que chegaram depois e independente do tempo que ali vivem, não possuem toda a carga de relações que os “*Estabelecidos*” possuem, tornando assim mais difícil o desenvolvimento de vínculos verdadeiros entre eles e o grupo oposto.

2. ESTABELECIDOS E OUTSIDERS EM OUTRA REALIDADE

Logo no início do texto “Os *Estabelecidos* e os *Outsiders*”, Elias Norbert cita a observação realizada na pequena comunidade de Winston Parva (Nome fictício). Para contextualizar rapidamente, Norbert analisa a trajetória de crescimento da comunidade através do tempo, onde ele descreve três diferentes ocupações que ocorreram ao longo da história local: a mais antiga sendo formada por famílias tradicionais, representantes da elite local; a segunda que surgiu através de ocupações instaladas como mão de obra das indústrias locais; a terceira, mais recente e periférica, foi também um resultado do desenvolvimento industrial ocorrido ali. Ele conta como a relação entre os grupos dos *estabelecidos* e dos *outsiders* se dava, como os *estabelecidos* “cerravam fileiras” e “estigmatizavam” os *outsiders*, como o primeiro grupo considerava que faltava “*virtude humana*” no segundo e até os viam como pessoas de menor valor humano.

“O grupo estabelecido cerrava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava virtude

humana superior – O carisma grupal distintivo – Que o grupo dominante atribuía a si mesmo”. (ELIAS, 2000, P. 13).

Norbert cita a observação como uma “miniatura de um tema humano universal”, dando a entender que aquela dinâmica se repetia no resto do mundo de maneira semelhante. Bom, honestamente eu não posso afirmar com certeza como as coisas se davam na pequena comunidade observada por ele, mas nos lugares observados por mim, as coisas se dão de maneira um pouco diferente.

Para começo de conversa, acho importante deixar claro que o meu interesse pelo tema se deu de maneira pessoal, sendo eu um “Outsider”. A quem possa interessar, sou natural de Belém do Pará, localizada na região norte do Brasil e hoje moro em Juiz de fora, Minas Gerais, localizada na região sudeste. A distância que separa meu local de nascimento de minha atual morada são cerca de 2.300km, é uma distância considerável, o que dificulta bastante o contato entre essas duas regiões. Porém, apesar da distância, devo admitir que não tive um grande choque cultural quando me mudei. Durante boa parte do tempo segui me relacionando com as pessoas da mesma maneira que me relacionava quando morava em Belém, afinal não via motivos para agir ou mesmo pensar de maneira diferente já que a cidade e as pessoas me pareceram ser tão receptivas. Apenas algum tempo depois comecei a perceber algo estranho, pessoas com quem eu costumava sair e ter uma boa relação pareciam se afastar ou não me incluir em seus programas, ou então quando por algum motivo passávamos tempos sem nos falar, a relação parecia ter sido rompida e a impressão é que havíamos nos tornado estranhos novamente e que todo o nosso convívio não tivesse deixado de existir, mas fizesse parte de um passado muito distante, mesmo que tivesse passado coisa de um mês ou dois.

A princípio, como o bom inseguro que sou, achei que fosse algo pessoal, talvez tivesse feito algo ou dito alguma coisa que as pessoas não tivessem gostado. No início essa me pareceu a resposta mais sensata, tanto que comecei a observar mais atentamente o meu próprio comportamento, muitas vezes me contendo e me segurando perto de outras pessoas. Porém, conforme tempo foi passando, comecei a observar, isso não acontecia apenas comigo. Conversei então com vários amigos a respeito e aqui eu irei utilizar a definição de Elias Norbert para defini-los.

Os meus amigos *Outsiders*, assim como eu, narraram experiências parecidas com as minhas. Nesse ponto eu acho importante frisar, como Juiz de Fora é basicamente uma cidade universitária, existem muitos *outsiders*, que vieram de várias cidades diferentes para estudar na Universidade Federal de Juiz de fora. Esses *outsiders*, em sua maioria, citaram principalmente a falta de um grupo, apesar de possuírem amigos aqui, para eles tudo parecia muito “frágil”.

Para a minha surpresa, ao conversar com amigos *Estabelecidos*, eles também descreveram passar por situações semelhantes. Apesar de possuírem seus grupos de amigos mais antigos e parecerem ter uma certa “estabilidade” dentro deles, qualquer relação com outros grupos era tão difícil quanto para os *outsiders*. Com essa observação, a possibilidade de relacionar esse comportamento com xenofobia ou qualquer outro tipo de preconceito parecia improvável.

Dando continuidade a leitura do texto que Elias escreveu, encontrei mais algumas semelhanças com situação observada em Juiz de fora:

“Naquela pequena comunidade, a superioridade de forças do grupo estabelecido desde longa data era desse tipo, em grande medida. Baseava-se no alto grau de coesão de famílias que se conheciam havia duas ou três gerações, em contraste com os recém-chegados, que eram estranhos não apenas para os antigos residentes como também entre si” (ELIAS, 2000, P. 14).

É interessante como ele chega à conclusão de que o principal motivo por trás da separação entre os grupos é o tempo em moram naquela localidade e conseqüentemente o tempo que se conhecem.

“O grupo de antigos residentes, famílias cujos membros se conheciam havia mais de uma geração, estabelecera para si um estilo de vida comum e um conjunto de normas. Eles observavam certos padrões e se orgulhavam disso. Por conseguinte, o afluxo de recém-chegados a seu bairro era sentido como uma ameaça a seu estilo de vida já estabelecido...” (ELIAS, 2000, P. 17,18).

Assim como Elias, vejo o tempo como um fator crucial, porém não acredito que a questão aqui seja os *estabelecidos* se sentindo ameaçados com os “recém-chegados”, na verdade acredito que toda essa situação seja

mais uma questão cultural. Assim como os *Estabelecidos* de Winston Parva, o povo juiz-forano se habituou a certos comportamentos, tornando-os mais fechados, reservados aos seus grupos, claro, reforçando que estamos falando sobre relações profundas. Esse tipo de comportamento me parece ser tão natural para eles, que qualquer coisa fora disso soa estranha. Qualquer evento que inclua mais de um grupo social parece ser incômodo para quem já está acostumado com a dinâmica de Juiz de fora. Enquanto para mim é natural querer reunir e apresentar amigos de diferentes círculos sociais, para eles soa como algo absurdo, algo que para acontecer deve se dispor de um motivo especial.

Ainda sobre os *estabelecidos*, observando suas relações percebi que elas também são um tanto frágeis, mas de uma maneira diferente. Essas relações, diferentemente das relações com os *outsiders*, são duradouras e aparentemente mais fortes, até porque aqui estamos falando, muitas vezes, de grupos que se conhecem há muitos anos, estudaram juntos, cresceram juntos e continuam se encontrando com frequência, porém, apesar de tudo isso, as vezes um pequeno deslize parece ser o suficiente para romper essa relação, e as vezes esse deslize nem precisa ser da pessoa em si.

Vamos supor aqui que uma pessoa de um determinado grupo de *Estabelecidos* resolva romper o protocolo social e levar um Outsider para uma reunião de seu grupo. Pois bem, esse Outsider muito provavelmente será bem tratado, irá se divertir com os outros e tudo mais, até porque o que estamos abordando aqui são as relações mais profundas, essas sim são difíceis de se estabelecer, porém relações rasas, “amizades” de uma noite, essas você encontra com facilidade, tudo depende apenas do quão extrovertido você é. Retomando, esse Outsider será uma “responsabilidade” daquele que o introduziu ao grupo, qualquer coisa que ele faça e que não agrade aos demais, pode até levar ao afastamento não só dele, mas também de quem o levou. Por esse motivo eu digo que as relações são extremamente frágeis, pois o Outsider pode sair dez vezes com o mesmo grupo, mas se em um desses encontros ele fizer ou disser algo que alguém não goste, é o suficiente para que ele seja afastado do grupo e tratado como estranho por seus integrantes.

Talvez esse seja o principal motivo de ser tão difícil entrar em um grupo já estabelecido, ninguém quer correr o risco de “perder” o seu grupo por causa de outra pessoa. Existe uma expressão que, na minha opinião, define bem esse tipo de situação: *Pisar em ovos*.

Em outro texto de Elias, ele analisa a relação dos indivíduos com a sociedade através de um estudo baseado no “*nós-eu*”, que trata da individualidade de cada um perante à sociedade e o estado.

“A identidade eu-nós anteriormente discutida é parte integrante do habitus social de uma pessoa e, como tal, está aberta à individualização, essa identidade representa a resposta à pergunta “quem sou eu?” como ser social e individual”. (ELIAS, 1994, P. 124).

Isso é interessante, pois acredito que esse tipo de relação não se dê apenas baseada no indivíduo perante o estado, mas também diante de cada grupo social que ele faça parte.

Lá atrás contei que sou natural de Belém do Pará, pois bem, o que me motivou a realizar essa pesquisa e buscar entender melhor o que acontece por aqui é justamente o fato de que em Belém as relações se dão de maneira diferente, me parecendo lá ser muito mais simples formar laços fortes e os grupos em si parecem bem mais unidos.

Não afirmo aqui que Belém seja um paraíso onde todos são amigos e se dão bem, claro que não, acredito que não exista lugar assim em canto algum do planeta, porém, em minha experiência ainda acho muito mais simples formar laços lá do que em Juiz de fora. Mas por qual motivo isso se dá?

Bom, existem diversas possíveis razões para que isso aconteça, como por exemplo: a cultura. Como eu falei anteriormente, não tive um grande choque cultural quando cheguei aqui, superficialmente as coisas são bem parecidas, as pessoas gostam de sair, socializar, se encontram em bares ou festas, vão à parques e praças, tudo bem semelhante, porém, ao olhar de maneira mais cuidadosa, vemos que Juiz de fora não tem de fato uma cultura que sirva para unir todas as pessoas que aqui vivem, algo que gere em todos um sentimento de união e pertencimento, e isso, em minhas observações, é algo crucial.

Quando eu falo de uma cultura que sirva para unir as pessoas, a primeira coisa que me vem à mente é o Círio de Nazaré. Para quem não conhece, o Círio é uma manifestação religiosa católica realizada anualmente na cidade de Belém, é uma das maiores manifestações religiosas do mundo e serve de atração para pessoas do mundo inteiro, que visitam e lotam as ruas da cidade anualmente.

A professora de Letras Carla Muniz escreveu um excelente texto publicado no site Toda Matéria em que ela conta a história completa do Círio de Nazaré, desde sua origem até seus ritos e comidas típicas servidas na época.

“A tradição do Círio de Nazaré surgiu algum tempo depois de um homem encontrar uma imagem da santa. A esse fato são atribuídas diferentes versões. Uma das mais creíveis é baseada em um manuscrito de Dom Frei João Evangelista, quinto bispo do Pará, onde ele afirma que no final do mês de outubro de 1700, Plácido José de Souza teria encontrado uma imagem da santa perto de um igarapé localizado à margem de um córrego e decidido leva-la para casa. No dia seguinte, a imagem havia desaparecido e Plácido a teria encontrado novamente no mesmo local onde a tinha visto pela primeira vez. O fato se repetiu durante dias e, assim, Plácido entendeu que a imagem deveria ser mantida no local onde sempre reaparecia, construindo ali uma pequena capela para abrigar a santa.” (MUNIZ, 2019).

Usando o Círio como exemplo, não consigo pensar em uma manifestação parecida em Juiz de fora, mesmo que não religiosa. Sei que existem diversos festivais, eventos e shows que por vezes reúnem as pessoas, mas não é algo que englobe toda a cidade, eles sempre são voltados para algum grupo específico, muitas vezes servindo mais para separar do que para unir os mesmos.

Mas aí você pode me dizer que nem todas as pessoas devem se sentir representadas pelo Círio, pois se trata de uma festividade religiosa especificamente católica. Sim, de fato, mas é uma festividade tão grande que tem raízes tão fortes na cultura paraense, que não importa sua crença ou classe social, ela acaba atingindo a todos, pois a festa se alastra de tal maneira que acaba contagiando a região metropolitana inteira. Comidas típicas, celebrações, reuniões na casa de parentes e amigos, é uma festividade tão grande que é possível dizer que não perde nem mesmo para o Natal.

Pois bem, será que isso é explicação o suficiente? Será que a grande festividade do Círio de Nazaré explica o porquê ser mais simples construir laços fortes e duradouros em Belém? Muito provavelmente não, mas eu acredito que o caminho seja mais ou menos por aí.

Tudo é uma questão cultural, não apenas pelo Círio de Nazaré, mas também pelas raízes da cultura paraense. Vou explica: a minha região de nascimento possui uma cultura com uma forte origem na cultura indígena da Amazônia, que por sua vez gira em torno de grandes grupos, afinal de contas, a dinâmica de uma aldeia indígena é completamente diferente das dinâmicas que ocorrem nas cidades, pois ao invés de possuímos casas separando as famílias, as aldeias possuem moradias compartilhadas onde toda a tribo convive como uma só família. Ainda nessa linha de raciocínio, enquanto no Sudeste é bastante comum as pessoas deixarem a casa de seus pais logo no início da juventude em busca de estudos, trabalho e posteriormente constituindo sua própria família, no Pará o natural é justamente o oposto, as famílias permanecem juntas, dividindo a mesma residência e apenas agregando mais e mais pessoas. Enquanto a maioria das pessoas no Sudeste estão acostumadas com a formação familiar sendo constituída por Pai, mãe e filhos, as pessoas no Norte convivem com Pai, mãe, tio, tia, avós, netos, genros, cunhados, primos e tantos outros dividindo a mesma residência, quando muito se esforçam para construir uma casa separada, porém no mesmo terreno.

Aonde eu quero chegar com isso? Bem, acredito que essa cultura facilite o costume de aceitar pessoas de fora da nossa bolha com maior facilidade, pois já é natural vermos pessoas de fora passando a fazer parte do nosso grupo, frequentando a nossa casa e de uma maneira ou de outra fazendo parte da nossa família, enquanto em Juiz de fora o comum é o individualismo de tudo, minha casa, minha família, meus amigos, sem misturar ou compartilhar.

Buscando entender um pouco mais sobre as relações sociais nas cidades, me deparei com um artigo escrito na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) escrito pelo Professor de Sociologia Fadil Lira Dias no ano de 2012. Esse artigo apresenta-se e discute-se algumas reflexões do sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel (1858 - 1918) a respeito da vida nas grandes cidades e as formas de relacionamento social.

Segundo o artigo, Simmel acreditava que a cidade grande é mais conflituosa por conta do seu ritmo acelerado, diferente das cidades pequenas, onde tudo acontece de maneira mais lenta e os habitantes não são expostos à uma sobrecarga de impressões sensíveis.

“...de modo que os indivíduos envolvidos estão continuamente expostos a essas mudanças múltiplas, bruscas e ininterruptas, típicas da cidade grande, e de alguma forma precisam se adaptar, pois sendo cada mudança percebida pelo indivíduo como a passagem de uma impressão à outra, torna-se demasiadamente intensa a percepção nervosa das constates mudanças de impressões. Simmel denomina esse fenômeno de intensificação da vida nervosa, que é o fator fundamental, do ponto de vista

psicológico, da formação de um tipo de individualidade específica da grande cidade.” (DIAS, 2012, P.5).

Baseado nesse pensamento, seria possível elaborar uma hipótese de que a problemática das relações em Juiz de fora se deve ao fato de ela ser uma cidade relativamente pequena quando comparada à uma grande metrópole como Belém, logo seus habitantes estão menos acostumados com pessoas que vem de fora. Essa seria uma boa linha de raciocínio para se seguir, não fosse o fato de que Juiz de fora é basicamente uma cidade universitária, recebendo todos os anos pessoas de todas as regiões, inclusive de outros países. Dessa forma acredito ser um grande acerto mirar na questão cultural para tentar entender a origem dessas relações.

3. ENTREVISTAS

Após todas as observações e conversas informais, resolvi adotar uma abordagem diferente e partir para uma conversa direta com algumas pessoas para aprofundar mais ainda na problemática. Para isso elaborei uma série de perguntas que seriam feitas para os quatro grupos distintos, sendo esses os *Estabelecidos* e os *Outsiders* de Juiz de fora e os *Estabelecidos* e os *Outsiders* de Belém. Essas perguntas me ajudariam a entender como são as relações dessas pessoas em suas cidades, se fazem parte de algum grupo social, como esse grupo se conheceu, se eles sentem que possuem relações mais profundas com os membros do grupo e até mesmo se as pessoas do grupo se esforçam para apresentá-las a outros grupos já formados. Essas conversas, apesar de não terem sido feitas com um número muito elevado de pessoas, me ajudaram a ter uma visão melhor da situação em cada região e também me ajudaram a chegar à uma conclusão interessante. Mas antes de ir para a conclusão, vou descrever como foram algumas dessas conversas:

Com o grupo de *Estabelecidos* em Juiz de fora, conversei com Fernando (nome fictício), de 20, vivem em Juiz de fora desde que nasceu. Seus relatos me confirmaram que de fato existem uma dificuldade em manter relações sociais aqui, tendo vista que ele contou que apesar de morar na cidade desde o seu nascimento, não faz parte de nenhum grupo social da mesma, que suas amizades em grande parte são compostas por pessoas que vieram de fora e que ele conheceu posteriormente através de outros amigos que também vem de fora. Disse ainda que sente que seus “amigos” mais antigos parecem não fazer tanta questão de tê-lo por perto e muito menos de apresentá-lo à outras pessoas.

“Moro aqui a 20 anos, minhas relações sociais são baseadas em amizades que conheci de amigos... tipo, amigo do amigo que virou meu amigo... Me sinto pertencente de grupos externos de juiz de fora. As pessoas daqui em que fazia parte dos grupos não fazem questão nem de me apresentar (à outras) nem de estar perto” (Fernando, Grupo Estabelecidos de Juiz de fora).

Ainda com o grupo Estabelecido em Juiz de fora, conversei com Joana (nome fictício), de 24 anos e que também vive na cidade desde sempre, a conversa com ela foi uma das que mais me chamou a atenção, pois em seu relato pouco ela conseguiu falar, me informando que as questões despertaram um “gatilho” nela, fazendo com que ela se sentisse mal.

“Pra falar a verdade essas perguntas me deram um pouco de gatilho, porquê até o início desse ano eu posso dizer que eu tinha um grupo e agora eu não sei...” (Joana, Grupo Estabelecidos de Juiz de fora).

Posteriormente ela conseguiu me explicar um pouco melhor, dizendo que teve problemas com o seu grupo mais antigo de amigos e que agora sentia que não fazia mais parte daquele grupo, tendo sido abandonada. Isso me deixou verdadeiramente preocupado com a situação que agora parece ser bem mais profunda do que eu imaginava. Esses dois casos foram os mais emblemáticos em minha pesquisa, o restante dos *estabelecidos* com quem eu conversei acabaram por confirmar as minhas observações anteriores, pois narraram que fazem parte de grupos formados desde a infância e que ainda se veem com frequência, que também fazem parte de outros grupos, porém estes não possuem ligação entre si.

Vamos passar agora para o grupo de *Outsiders* em Juiz de fora. Como esse é um grupo de pessoas novas na cidade, não é possível fazer parte de grupos sociais antigos, então o que ficou claro é que grande parte de suas amizades gira em torno da universidade, que na maioria das vezes é o motivo de estarem aqui. Os seus grupos foram originados na universidade, naturalmente formados quando cursavam alguma matéria juntos, uns apresentando os outros e assim formando uma grande bolha social que posteriormente ia se “refinando” e se separando em várias outras bolhas menores. Apesar do pouco tempo, pude notar através dos relatos que esses grupos possuem uma ligação bem profunda. A primeira pessoa com quem conversei, Jaqueline (Nome fictício), de 23 anos, apesar de relatar ser uma pessoa que possui dificuldades para interagir com grupos, me contou sobre suas relações em Juiz de fora e como elas são melhores dos que a que tinha em sua cidade natal.

“Eu tenho um pouco de dificuldade com as pessoas da minha cidade natal, mas talvez haja pouco espaço pra isso (ou talvez eu os assuste um pouco com meu jeitinho). Na verdade, eu morei em várias cidades, e sempre tive dificuldade de me relacionar com as pessoas, mas isso é sobre mim sabe? mas agora eu posso dizer que finalmente tenho um grupo bom de amigos com quem me identifico, e agradeço as pessoas que conheci na universidade, onde também demorei para me abrir para as pessoas, mas que é um lugar que dá essa oportunidade de se relacionar com diversas pessoas.” (Jaqueline, Grupo Outsiders de Juiz de fora).

Pude observar que quando em um ambiente neutro como a universidade, onde todos são “*Outsiders*” de certa forma, tudo flui mais naturalmente e os grupos são formados tanto por pessoas de fora de Juiz de fora quanto por pessoas que nasceram aqui, porém, por mais que essas pessoas desenvolvam uma relação forte, dificilmente esse grupo se expande para fora e acaba por atingir os outros grupos que principalmente os “*Estabelecidos*” já fazem parte. Os únicos momentos de contato entre esses dois grupos são em ocasiões especiais como aniversários ou formaturas, por exemplo, onde há um motivo para unir todo mundo, dessa maneira não soa “estranho” ter pessoas de círculos diferentes no mesmo lugar.

Agora vamos passar para Belém, onde fiz exatamente as mesmas perguntas para grupos de *Estabelecidos* e *Outsiders* que vivem na região. Bom, posso começar dizendo que em todas as conversas que tive as pessoas, em unanimidade disseram que é muito mais fácil socializar em Belém do que em qualquer outro lugar que já estiveram, isso vindo tanto de *Outsiders* que passaram a morar lá quanto de *Estabelecidos* que em algum momento de suas vidas residiram em outros lugares.

Uma das diferenças que pude observar entre Juiz de fora e Belém é que os *Outsiders*, quando chegam em Juiz de fora, formam um grupo novo com diferentes pessoas, já em Belém os *Outsiders* costumam entrar em grupos já formados através de algum conhecido, esse foi o caso de uma das pessoas com quem conversei.

“Quando cheguei em Belém eu já conhecia a namorada de um amigo meu de infância. Conheci outras pessoas através dela e uma dessas pessoas me apresentou para o grupo que faço parte hoje” (Raquel, Grupo Outsiders de Belém).

Já indo para o lado dos *Estabelecidos*, os que possuem grupos já formados permanecem nele e dificilmente fazem parte de outros grupos de fato, apesar de sempre saírem com pessoas diferentes, mas aqui estamos falando de relações mais profundas. Os grupos em geral são bem antigos e consolidados, porém não são fixos, sempre existem pessoas novas que entram e se integram ao resto bem como existem pessoas que saem, mas diferente do que ocorre com frequência em Juiz de fora, essa saída quase nunca é algo repentino e traumático para alguma das partes, geralmente se dá por questões da vida mesmo, como prioridades, trabalho e etc.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como comentei anteriormente nesse texto, Belém não é um paraíso onde todas as pessoas se amam e conseguem interagir lindamente umas com as outras, também existem problemas e dificuldades como em qualquer outro lugar do mundo, porém a forma como isso se dá em Juiz de fora me chamou a atenção de tal maneira que me senti intrigado e motivado a estudar esse fenômeno, mais ainda agora que eu vi o quão isso pode afetar a saúde mental dos jovens que já está tão abalada em decorrência de outros problemas que a nossa sociedade vem passando.

Bem como não afirmo que Belém seja um paraíso, também não digo que Juiz de fora é um inferno, impossível de se viver e socializar, em meus anos morando aqui fiz ótimos amigos e consegui construir relações fortes e verdadeiras, porém é claro que existe uma situação curiosa no modo como as relações se dão aqui. Ficou muito claro para mim que isso não se trata de algum tipo de preconceito com quem é de fora ou com quem é desconhecido, em diversas conversas que tive ao longo dos anos, ao questionar o comportamento das pessoas e o jeito como elas socializavam, elas simplesmente pareciam não entender, ficavam confusas e por vezes perguntaram “Mas isso não é normal?”. Então a minha conclusão é que se trata de uma questão cultural, algo tão intrínseco na sociedade juizforana que seus membros nem sequer conseguem enxergar os problemas que esse tipo de relação pode trazer, mesmo quando afetados, muitos sequer questionam o fato de isso não ser normal ou que talvez exista uma forma melhor de lidar com as questões sociais que não seja simplesmente excluir uns aos outros.

REFERENCIAS

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. 2 ed. Zahar: Rio de Janeiro. 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Zahar: Rio de Janeiro. 1994.

MUNIZ, Carla. **Círio de Nazaré: a maior festa religiosa do Brasil**. Toda Matéria. 2019. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/cirio-nazare/>>. Acesso em: jan. 2023.

DIAS, Fadil Lira. **Sociabilidade na metrópole: as reflexões de Georg Simmel**. Universidade de São Paulo. 2012.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2002.